

TESTEMUNHOS LITERÁRIOS EM FOCO: “QUARTO DE DESPEJO” E “DIÁRIO DE ANNE FRANK” NO ENSINO MÉDIO

Helga Ticiano de Barros Maciel (SED/SEMED)
helgaticiana.barrosmaciel@gmail.com

RESUMO

Este estudo empreende uma análise comparativa das obras “Quarto de despejo: diário de uma favelada” (1960), de Carolina Maria de Jesus, e “O diário de Anne Frank” (1947), situando-as em um recorte temporal que revela as condições existenciais impostas pelas vicissitudes históricas e sociais vivenciadas pelas autoras. Ambas as narrativas, elaboradas em primeira pessoa, emergem como testemunhos literários nos quais a escrita assume um papel catalisador, transcendendo a mera expressão individual para tornar-se um instrumento de resistência e apaziguamento diante das adversidades. A linguagem, neste contexto, configura-se como um veículo privilegiado para exteriorizar a fome, a dor e as desigualdades, transformando a experiência íntima em um manifesto universal. A fundamentação teórica apoia-se nos aportes de Sinhoretto (2023), Cosson (2018) e Sartre (2015), entre outros, elucidando a escrita como um ato de libertação Freire (2008) e reflexão crítica sobre a condição humana. Ademais, o estudo propõe uma abordagem pedagógica para a inserção dessas obras no âmbito do Ensino Médio em Mato Grosso do Sul, explorando tanto a totalidade dos textos quanto recortes temáticos que evidenciam paralelos significativos entre as duas produções. A relevância desta investigação reside em sua capacidade de demonstrar a interconexão entre as experiências humanas, a potência da escrita como forma de resistência e a urgência de se problematizar, por meio da literatura, as estruturas sociais que perpetuam a exclusão e o sofrimento.

Palavras-chave:
Diário. Linguagem. Memória.

ABSTRACT

This study undertakes a comparative analysis of the works “Quarto de despejo: diário de uma favelada” (1960), by Carolina Maria de Jesus, and “O diário de Anne Frank” (1947), situating them in a time frame that reveals the existential conditions imposed by the historical and social vicissitudes experienced by the authors. Both narratives, written in the first person, emerge as literary testimonies in which writing assumes a catalytic role, transcending mere individual expression to become an instrument of resistance and appeasement in the face of adversity. Language, in this context, is configured as a privileged vehicle for externalizing hunger, pain and inequalities, transforming intimate experience into a universal manifesto. The theoretical framework is based on the contributions of Sinhoretto (2023), Cosson (2018), and Sartre (2015), among others, elucidating writing as an act of liberation (Freire, 2008) and critical reflection on the human condition. Furthermore, the study proposes a pedagogical approach for the insertion of these works in the context of High School in Mato Grosso do Sul, exploring both the totality of the texts and thematic excerpts that highlight significant parallels between the two productions. The relevance of this investigation lies in its ability to demonstrate the interconnection between

human experiences, the power of writing as a form of resistance, and the urgency of problematizing, through literature, the social structures that perpetuate exclusion and suffering.

**Keywords:
Diary. Language. Memory.**

1. Introdução

Este estudo vincula-se ao ensino da leitura literária de alunos do Ensino Médio como uma forma de refletir sobre questões sociais. Assim o objetivo desse estudo é realizar a análise de duas obras: “Quarto de despejo: diário de uma favelada” e “Diário de Anne Frank” sobre o enfoque do letramento literário. Embora realidade temporal das autoras e seus diários não sejam os mesmos, elas se entrelaçam efetivamente na maneira de ver o mundo e, por conseguinte, revelam aos leitores a escrita identitária, relatos de suas experiências, vivências cruciais no recorte temporal das obras supracitadas.

Ao elaborar este artigo, não temos a intenção de esgotar os questionamentos que as obras suscitam nos estudiosos e muito menos analisar de uma maneira mais contundente como se faz no estudo de literatura comparada. Neste recorte, as obras dialogam entre si, dissertam sobre a realidade dolorosa da Segunda Guerra Mundial e, no Brasil, a realidade das favelas nos grandes centros urbanos.

Essa escrita testemunhal permite que os alunos do Ensino Médio se apropriem da realidade e, assim, no contexto escolar tem-se a formação leitora. A literatura questiona valores e de acordo com Cosson:

A leitura literária conduz a indagações sobre o que somos e o que queremos viver, de tal forma que o diálogo com a literatura traz sempre possibilidade de avaliação dos valores postos em uma sociedade. Tal fato acontece porque os textos literários guardam palavras e mundos tantos mais verdadeiros quanto mais imaginados, desafiando os discursos prontos da realidade, sobretudo quando se apresentam como verdades únicas e imutáveis. (COSSON, 2014, p. 50)

Dessa forma, a formação do leitor(a) no Ensino Médio contribui para uma abordagem da realidade para além da mera prática de ler e sim de experimentar, vivenciar por meio de palavras o universo inexplorado das mazelas humanas. Esse diálogo amplia a visão de mundo e sociedade dos estudantes por meio de instruções, aula dialogada e dentro de um contexto escolar definido enriquecem vocabulário, experimentam sensações e sentimentos nunca sentidos.

A leitura de obras literárias tem o poder de transformar perspectivas e provocar reflexões profundas. Quando os estudantes têm contato com livros como *O Diário de Anne Frank* e *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, eles não apenas entram em contato com histórias pessoais marcantes, mas também ampliam sua compreensão sobre contextos históricos, sociais e humanos.

O *Diário de Anne Frank* oferece aos leitores uma visão íntima da vida de uma adolescente judia escondida durante a Segunda Guerra Mundial. Por meio de sua escrita sensível e honesta, Anne narra o medo constante, as privações e a esperança em meio à perseguição nazista. Esse contato direto com a realidade do Holocausto, sob o olhar de uma jovem, permite que os estudantes desenvolvam empatia e entendam melhor os impactos da intolerância, do preconceito e da guerra.

Já *Quarto de Despejo* apresenta a dura realidade das favelas brasileiras nos anos 1950, narrada por Carolina Maria de Jesus, uma catadora de papel e escritora autodidata. Seu diário revela as dificuldades enfrentadas por quem vive na pobreza extrema, mas também sua força, dignidade e desejo de mudança. A leitura dessa obra leva os estudantes a refletirem sobre as desigualdades sociais, o racismo e a invisibilidade dos mais pobres.

Ao lerem esses dois diários, os alunos entram em contato com experiências de vida distintas, mas igualmente marcantes. Ambos os livros contribuem para o desenvolvimento do pensamento crítico, da sensibilidade social e da valorização da diversidade de vozes. Eles mostram que a literatura é uma ferramenta poderosa de humanização, capaz de despertar a consciência e o respeito pelo outro.

Doravante, as atividades propostas aos estudantes serão orientadas por meio de etapas integradas metodologicamente e teoricamente para que de acordo com a perspectiva de letramento literário promova a eficácia do fazer acadêmico e inspire novas e tantas formas de desenvolver a leitura na escola.

O letramento literário, entendido como a capacidade de ler, interpretar e fluir textos literários de forma crítica e sensível constitui um dos pilares para a formação de leitores autônomos e conscientes no ambiente escolar. Mais do que ensinar a decodificação textual, o trabalho com a literatura na escola deve promover experiências estéticas que ampliem o repertório cultural dos estudantes e os insiram em práticas sociais de leitura.

Nesse sentido, o fazer literário na escola exige intencionalidade pedagógica, escolha criteriosa de obras e metodologias que favoreçam o diálogo entre texto, leitor e mundo. É por meio dessas práticas que se possibilita ao aluno não apenas a leitura da palavra, mas também a leitura de si mesmo e do outro, elementos essenciais para a formação integral do sujeito.

Na escola, o fazer literário deve ser compreendido como uma prática cultural que valoriza a literatura como um bem simbólico e direito de todos conforme defende Cândido (2004), ao afirmar que literatura é uma necessidade humana fundamental. A prática pedagógica, portanto deve ir além do caráter instrumental da leitura articulando-se com metodologias que possibilitem o encontro entre texto, o leitor e seu contexto sociocultural

2. Contexto histórico, social das obras e escrita testemunhal em forma de Diário: Vozes da Subjetividade e da Memória

As obras “Quarto de despejo” e “O diário de Anne Frank” emergem em contextos históricos e sociais profundamente distintos. Carolina Maria de Jesus documenta a vida na favela de São Paulo durante os anos 1960, enquanto Anne Frank escreve sob a opressão da Segunda Guerra Mundial na Europa. Ambas as autoras refletem em suas obras as dificuldades e as injustiças enfrentadas, conectando suas realidades por meio da escrita.

Assim

Da favela do Canindé para as livrarias brasileiras, europeias e norte-americanas, o livro Quarto de despejo: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus, foi traduzido para 14 línguas. De modo similar, saído dos escombros de uma guerra, do esconderijo de uma família de judeus, O diário de Anne Frank conquistou o mundo, tendo sido traduzido para 70 línguas.” (Sinhoreto, 2023, p.18)

Dessa maneira, apesar do contexto histórico ter uma lacuna temporal, as obras “Quarto de despejo” (1960), de Carolina Maria de Jesus, e “O diário de Anne Frank” (1947), de Anne Frank, emergem de contextos históricos e sociais marcados por profunda desigualdade, violência e marginalização, ainda que em realidades geográficas e políticas distintas. Ambas documentam, de maneira íntima e pessoal, os impactos de sistemas opressores sobre a vida cotidiana de indivíduos comuns.

“Quarto de despejo” foi escrito no contexto do Brasil urbano da década de 1950, particularmente na favela do Canindé, em São Paulo. A autora, mulher negra, pobre e catadora de papel, relata sua luta diária con-

tra a fome, a miséria e a exclusão social. Seu diário revela as contradições de uma sociedade que, ao mesmo tempo em que experimentava crescimento econômico, mantinha parcelas significativas da população à margem dos direitos básicos. A obra de Carolina Maria de Jesus é um testemunho direto das consequências da desigualdade racial e socioeconômica estrutural, num Brasil que se urbanizava rapidamente sem garantir inclusão social. Sua escrita, crua e sem artifícios literários convencionais, carrega uma força documental que denuncia a violência sistêmica sofrida pela população periférica.

Por outro lado, “O diário de Anne Frank” é fruto de um contexto europeu atravessado pela Segunda Guerra Mundial e pelo regime nazista. Escrito entre 1942 e 1944, durante o período em que Anne Frank e sua família se ocultavam para escapar da perseguição antissemita, o diário retrata o cotidiano de medo, esperança e resistência no interior do anexo secreto em Amsterdã. A narrativa de Anne Frank oferece um olhar humanizado e comovente sobre as consequências diretas da política de extermínio imposta pelo nazismo contra judeus e outros grupos marginalizados. Seu texto não apenas documenta a experiência de uma adolescente privada de sua liberdade, mas também reflete sobre a brutalidade da guerra, a perda da infância e o aniquilamento de sonhos diante da intolerância e do totalitarismo.

Ambas as obras, embora nascidas de experiências singulares – a favela brasileira e o esconderijo europeu –, convergem em sua função histórica: dar voz às populações silenciadas pela opressão. Seja pela pobreza extrema, seja pela perseguição étnico-religiosa, Carolina e Anne expõem, com autenticidade e sensibilidade, realidades de exclusão e resistência. Seus escritos transformam experiências individuais em testemunhos coletivos, fundamentais para a compreensão crítica das estruturas sociais e políticas de seus respectivos tempos. Sinhoreto bem revela que

É comum que um dos grandes receios de uma pessoa que costuma escrever um diário é que este um dia venha a público; no entanto, Anne e Carolina Maria de Jesus parecem ser uma exceção à regra. A menina e a catadora de lixo almejavam ser lidas e publicadas e, com isso, podemos dizer que, para elas, a motivação por trás da escrita de seus diários fosses de outra natureza. (Sinhoreto, 2023, p.112)

Neste contexto, a escrita testemunhal, especialmente quando realizada em forma de diário, ocupa um lugar singular na literatura e nos estudos das narrativas de memória. Trata-se de uma modalidade que une o íntimo ao histórico, a vivência pessoal ao registro coletivo. O diário testemunhal não é apenas um relato individual de experiências; ele carrega

consigo o peso da enunciação de eventos traumáticos, situações de opressão, ou contextos-limite em que a escrita se torna tanto resistência quanto sobrevivência.

Na literatura contemporânea, autores como Carolina Maria de Jesus, com “Quarto de despejo”, também trazem essa dimensão diarística como denúncia social. O diário se torna então uma plataforma onde a marginalização, a fome, a exclusão são narradas por quem as vive, rompendo o silêncio imposto por estruturas de poder.

Assemelha-se, também, pela narrativa testemunhal clássica “O diário de Anne Frank”, que demonstra como a escrita em primeira pessoa, oferece um olhar único e potente sobre acontecimentos que, de outra forma, poderiam ser narrados apenas por estatísticas ou vozes oficiais. O diário, portanto, é uma forma de materializar no tempo o que não pode ser esquecido.

A forma diarística distingue-se por seu caráter fragmentado, datado, e profundamente subjetivo. O eu que escreve não o faz retrospectivamente, como em muitas autobiografias ou memórias, mas no calor do instante, no ritmo do dia a dia, registrando pensamentos, emoções e fatos na medida em que ocorrem ou logo após. Nesse sentido, o diário testemunhal é, simultaneamente, documento e desabafo, narrativa e necessidade.

Tanto “Quarto de despejo” quanto “O diário de Anne Frank” são classificados como testemunhos literários que refletem as realidades dolorosas de suas autoras. A escrita de Carolina e Anne transcende o individual, transformando experiências pessoais em narrativas universais sobre a condição humana. Esses testemunhos oferecem um olhar profundo sobre as injustiças sociais e a luta por dignidade.

Freire (1987) acreditava que a escrita dava voz aos marginalizados, permitindo que expressassem suas vivências, denunciando injustiças e reivindicando seus direitos. Ao escrever, o sujeito se torna ativo na construção do conhecimento, desafiando estruturas opressivas e contribuindo para um mundo mais justo.

3. Excertos Identitários: fome, medo, opressão e experiências comparilhadas

As experiências pessoais narradas por Carolina e Anne transcendem suas histórias individuais, tornando-se um manifesto universal contra a opressão. Através das palavras, elas unem suas vozes a milhões de pesso-

as que também enfrentam desigualdades e injustiças. Esse aspecto humano e compartilhado revela a necessidade de problematizar as estruturas sociais que perpetuam o sofrimento.

Diante disso, observamos e categorizamos alguns excertos: Reflexão sobre a realidade e o desejo de escrever:

“Quarto de despejo”:

“Fui na sapataria retirar os papeis. Um sapateiro perguntou me se o meu livro é comunista. Respondi que é realista. Ele disse-me que não é aconselhável escrever a realidade” (9 de agosto, pág. 108).

“O Diário de Anne Frank”:

“Quero mandar uma de minhas histórias para um jornal, para ver se a aceitam, sob pseudônimo, é claro. Sua Anne” (Sexta-feira, 21 de abril de 1944)

No trecho de Carolina, percebe-se uma tensão direta entre a realidade retratada e a recepção social dessa realidade. O sapateiro associa o conteúdo do livro ao comunismo, e Carolina responde que seu livro é “realista”. Essa troca revela como a verdade das classes marginalizadas pode ser vista como subversiva simplesmente por expor o que é invisibilizado: a pobreza, a fome, o abandono social. Quando o sapateiro diz que “não é aconselhável escrever a realidade”, está apontando para o incômodo que a verdade provoca na ordem social estabelecida. A literatura de Carolina não é um exercício estético apenas; é um grito de existência, uma denúncia.

Já em Anne Frank, vemos o desejo de expressão artística e reconhecimento literário, mesmo diante da ameaça constante da guerra e da perseguição. O ato de escrever e desejar publicar, ainda que sob pseudônimo, também representa resistência. Anne sonha em ser lida, em compartilhar sua visão de mundo, mesmo quando seu mundo está sendo brutalmente limitado. Sua escrita é uma maneira de preservar sua humanidade, de afirmar-se como indivíduo dotado de pensamento, criatividade e esperança.

Ambas, portanto, escrevem para sobreviver, não apenas fisicamente, mas emocionalmente e espiritualmente. A intersecção entre elas está na potência da literatura como ferramenta de afirmação do sujeito diante da desumanização. Diante disso, Brait afirma que:

A literatura é um lugar estratégico, ainda que não seja o único, para a observação da linguagem cotidiana e criatividade. Ela constitui uma das possibilidades de exploração da língua, como ferramenta criativa e atuante de mobilização de palavras e estruturas linguísticas, apontando para inúmeros fins, para diferentes propósitos. (Brait, 2017, p. 41)

São vozes femininas, jovens e corajosas, que enfrentam o silenciamento através da palavra escrita. Em diferentes tempos e espaços, Anne e Carolina provam que a escrita é um ato de resistência profunda.

Dando continuidade, observemos outros excertos das obras objeto de estudo:

Observações sobre a sociedade e a condição humana:

“Quarto de despejo”:

“O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém” (16 de junho, p. 65)

“Vejo o mundo se transformar lentamente em um deserto, ouço, cada vez mais forte, a trovoada que se aproxima, essa trovoada que vai nos matar. Sinto o sofrimento de milhões de seres [...]” (15 de julho de 1944, p. 226)

Os dois fragmentos: um de “Quarto de despejo”, de Carolina Maria de Jesus, e outro de “O diário de Anne Frank” revelam, sob diferentes contextos históricos e culturais, um olhar profundamente humanista sobre a condição humana, especialmente quando esta é marcada pela opressão, pela exclusão e pelo sofrimento coletivo.

No fragmento de Carolina Maria de Jesus, há uma crítica contundente à ideia de superioridade racial. A autora, com uma linguagem direta e experiencial, desmonta a lógica da hierarquia racial ao evidenciar que as necessidades e dores humanas, como a fome e o vício, são universais. A frase “A natureza não seleciona ninguém” carrega um forte peso filosófico: todos são igualmente humanos diante das leis naturais, e qualquer discurso de superioridade é, portanto, artificial e injustificável. Esse olhar humanista destaca a igualdade essencial entre os seres humanos, independentemente da cor da pele, ao mesmo tempo em que denuncia o sistema que perpetua essa desigualdade.

Já Anne Frank, em seu diário, também traz uma observação da condição humana, mas a partir da experiência do medo e da guerra. Sua reflexão expressa uma sensibilidade aguda diante da dor alheia: ela sente o sofrimento “de milhões de seres”, ainda que esteja enclausurada, isolada do mundo. Seu olhar transcende a própria experiência e se expande para uma consciência coletiva, revelando empatia e um sentimento de pertencimento à humanidade, mesmo em tempos de desumanização. A metáfora da “trovoada que vai nos matar” é poderosa, mostrando a inevitabilidade e a violência do conflito, ao mesmo tempo em que revela sua percepção precoce da gravidade do que a cerca.

Ambas as vozes: uma de uma mulher negra, favelada, escritora por resistência; outra de uma menina judia escondida, cronista da guerra, se encontram na denúncia da opressão e no apelo silencioso por humanidade. Suas palavras ecoam o sofrimento humano, mas também revelam lucidez, sensibilidade e força diante da brutalidade

Assim, os próximos excertos referem-se a:

Experiência da escrita introspectiva:

“Quarto de despejo”:

“Enquanto as roupas corava eu sentei na calçada para escreve. Passou um senhor e perguntou-me:

– O que escreve?

– Todas as lembranças que pratica os favelado, estes projetos de gente humana (21 de junho, pág. 23)

“O Diário de Anne Frank”:

“Por hoje vou terminar. Estou muito contente em ter você, meu diário” (Domingo, 14 de junho de 1942)

Observamos que Carolina Maria de Jesus, moradora da favela do Canindé em São Paulo, escreve para registrar seu cotidiano, suas dores e observações sobre a vida miserável da favela.

Neste trecho, vemos que a escrita é um ato de resistência e testemunho. Escrever na calçada, enquanto lava roupas (um trabalho árduo) mostra como a escrita surge como uma necessidade vital, mesmo em meio à precariedade.

A resposta dela ao senhor que a interpela – “todas as lembranças que pratica os favelado” – revela o impulso de documentar a realidade esquecida pela sociedade. A escrita introspectiva aqui não é apenas expressão pessoal, mas também uma denúncia social, uma forma de dar dignidade à sua existência e à de seus vizinhos, tratados como “projetos de gente humana”, ou seja, pessoas desumanizadas pela pobreza.

Anne Frank, uma jovem judia escondida durante a ocupação nazista na Holanda, transforma seu diário em um confidente. A frase mostra como a escrita para ela é uma válvula de escape, um espaço íntimo onde pode ser verdadeira, expressar medos, esperanças e sentimentos que não podia dividir abertamente no esconderijo.

Assim, analisamos o último excerto categorizado em sala de aula com os estudantes do Ensino Médio, este estudo revelou também outros,

no entanto para fins de análise, utilizamos os descritos neste estudo, observemos:

Experiência da fome e suas consequências:

“Quarto de despejo”:

“Continua chovendo. E tenho só feijão e sal. [...] Eu tenho tanto dó dos meus filhos. Quando ele vê as coisas de comer eles brada: – Viva a mamãe!” (13 de maio, pág. 30)

“O diário de Anne Frank”:

“Não é nada agradável comer todos os dias chucrute no almoço e chucrute no jantar, mas quando temos fome, comemos” (Segunda-feira, 3 de abril de 1944).

Carolina Maria de Jesus, em Quarto de Despejo, narra a experiência da fome como uma realidade brutal e cotidiana. A escassez de alimentos – “só feijão e sal” – simboliza não apenas a pobreza material, mas também a dor emocional de uma mãe que se sente impotente diante das necessidades dos filhos. A chuva, que aparece logo no início, potencializa o cenário de miséria e vulnerabilidade.

O grito dos filhos (“Viva a mamãe!”) quando veem comida enfatiza a dimensão emocional da fome: a gratidão infantil diante de mínimas ofertas de alimento expõe a inversão da normalidade, o que deveria ser básico torna-se extraordinário. Literariamente, a escrita de Carolina é direta, crua, desprovida de ornamentos, o que reforça a autenticidade do sofrimento e a urgência da sobrevivência.

Anne Frank, por sua vez, registra a experiência da fome num contexto de reclusão e perseguição: o esconderijo durante a Segunda Guerra Mundial. A monotonia do alimento (chucrute repetido) revela a precariedade da vida no cativeiro e a necessidade de se adaptar às limitações extremas. Aqui, a fome aparece de maneira resignada e pragmática: “quando temos fome, comemos”. A frase é curta, mas expressa uma aceitação forçada da realidade.

Literariamente, Anne Frank combina espontaneidade juvenil com consciência aguda das privações. Mesmo em sua juventude, ela entende que a fome transforma as prioridades: o gosto, a variedade, o prazer: tudo se submete à necessidade vital de simplesmente comer.

O diário não é apenas um registro de fatos: é um interlocutor íntimo. Anne confere ao diário uma presença quase humana (“ter você, meu diário”), revelando a profundidade emocional da escrita introspectiva, que

aqui é marcada pela solidão, pela esperança, pela luta e pela preservação da identidade em condições de extrema ameaça.

Ao longo desta análise comparativa entre “Quarto de despejo: diário de uma favelada” e “O Diário de Anne Frank”, evidenciou-se a força da escrita como instrumento de resistência, denúncia e humanização em contextos de profunda adversidade. Carolina Maria de Jesus e Anne Frank, a partir de seus diários, transmutam suas experiências particulares em registros universais, revelando as marcas da exclusão, da fome, da dor e da opressão histórica. Assim Vinhais (2009, p.113) discorre que “a literatura oferece ao jovem aluno leitor a possibilidade de relacionar-se intimamente com a leitura, transformando os seus sentimentos em discurso”.

Dessa maneira, valendo-se dos relatos dos diários das autoras no qual a expressão literária dos sentimentos constrói um discurso íntimo, sincero e poderoso. Assim, as autoras conseguem fazer exatamente o que Vinhais descreve: ela transforma o impacto emocional de sua vivência em uma narrativa que se comunica diretamente com o leitor, mesmo décadas depois.

4. A literatura derenrolando-se no Ensino Médio: relevância pedagógica

Cosson estabelece tipos de círculos de leitura e distingui-os em três. Importa para este estudo o círculo estruturado no qual “obedece a uma estrutura previamente estabelecida com papéis definidos para cada integrante e um roteiro para guiar discussões, além de atividades de registro antes e depois da discussão” (Cosson, 2014, p, 158).

Dessa forma, ler e reler “O Diário de Anne Frank” e “Quarto de despejo” é mais do que um exercício de memória histórica; é um gesto de resistência contra o apagamento das vozes que foram, e muitas vezes ainda são, silenciadas. Ambas as obras nos convidam a entrar em mundos atravessados pela exclusão, pela violência e pela luta pela sobrevivência, revelando a face mais crua das injustiças sociais e políticas de seus tempos. No entanto, essas vozes não pertencem ao passado apenas: elas ecoam no presente.

Em um mundo onde a intolerância, a desigualdade e o preconceito continuam a produzir vítimas diariamente, o testemunho de Anne Frank nos alerta sobre os horrores do ódio e do autoritarismo, enquanto Carolina Maria de Jesus nos faz olhar de frente para as consequências da pobreza

estrutural, do racismo e da marginalização urbana. Ambas, cada uma à sua maneira, nos convocam à empatia, à reflexão e à ação.

Reler essas obras é um ato de escuta ativa, que desafia o leitor a não se acomodar diante das dores alheias. É lembrar que a escrita tem o poder de resgatar vidas da invisibilidade e de denunciar o que muitos tentam ocultar. Anne e Carolina transformaram suas experiências em literatura viva, carregada de urgência, coragem e dignidade.

Cosson (2018, p. 47) postula que “como princípio do letramento literário está a construção de uma comunidade de leitores. É essa comunidade que oferecerá um repertório, uma moldura cultural dentro da qual o leitor poderá se mover e construir o mundo e a ele mesmo”. Esse construir o mundo torna-se perceptível na fala dos alunos do Ensino Médio, já que estes reformulam suas opiniões por meio da leitura das obras em estudo. Diversas são as manifestações por meio do diálogo entre aluno-aluno, aluno-professor, em uma troca rica de ideias no decorrer das aulas.

Diante dos retrocessos sociais e do enfraquecimento da memória coletiva, manter essas obras em circulação, principalmente em ambientes escolares e acadêmicos, é essencial para formar cidadãos mais conscientes e sensíveis às desigualdades. Ler e reler “O Diário de Anne Frank” e “Quarto de despejo” é, portanto, um ato político, literário e profundamente humano.

Para tal seguimos as etapas a seguir: Etapa 1: apresentação das obras aos estudantes, leitura do contexto histórico e social das autoras (*slides*). Etapa 2: elaborar cronograma de leitura integral das obras pelos estudantes. Etapa 3: Debate das obras, inferências, conexão com a obra, relevância da leitura. (aula dialogada). Etapa 4: Problematizar mediante o auxílio do professor, quadro comparativo dos excertos identitários.

Em um círculo de leitura, vale mais o processo do que o conteúdo, ou seja, o que realmente importa para a aprendizagem é menos a leitura daquela obra específica e mais a leitura intensiva de uma obra, isto é, ir observando cada aspecto da obra, os detalhes do contexto, da linguagem (Cf. Cosson, 2024).

Ao trabalhar essas obras na sala de aula, os alunos podem desenvolver empatia e senso crítico, analisando semelhanças e diferenças entre os contextos históricos e sociais vividos pelas autoras. A abordagem interdisciplinar pode incluir discussões sobre discriminação, direitos humanos e a importância da escrita como forma de resistência. Além disso, a

análise literária desses diários permite compreender como a literatura pode dar voz a grupos marginalizados e preservar a memória histórica.

Sendo assim para Sartre (2015, p. 51), “assim a leitura é um pacto de generosidade entre o autor e o leitor; cada um confia no outro, conta com o outro, exige do outro tanto quanto exige de si mesmo”. Nessa exigência lúdica, o aluno atinge a liberdade de opinar sobre as circunstâncias do mundo e da realidade que o circundam.

Essa perspectiva harmoniza-se com as competências gerais da BNCC, que destacam a necessidade de os educandos “valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais” (Brasil, 2018, p. 9), pois obras como “Quarto de despejo”, de Carolina Maria de Jesus, e “O Diário de Anne Frank”, de Anne Frank, oferecem ricas experiências estéticas e culturais ao revelarem realidades distintas e muitas vezes silenciadas. Ambas as obras, escritas em forma de diário, permitem que os leitores acessem vivências marcadas por desigualdade, sofrimento e resistência, contribuindo para o desenvolvimento da empatia, da consciência social e do respeito à diversidade humana – valores centrais promovidos pela BNCC.

5. Considerações finais

A análise de “Quarto de despejo: diário de uma favelada” e “O Diário de Anne Frank” evidencia como a escrita, em contextos de extrema vulnerabilidade, se constitui em um ato de resistência e de afirmação da existência. Nos relatos de Carolina Maria de Jesus e Anne Frank, a palavra escrita emerge como espaço de preservação da dignidade humana frente à brutalidade das condições históricas que as cercavam. Suas vozes, embora situadas em realidades distintas, dialogam pela potência com que transformam a experiência individual em denúncia coletiva, transcendendo fronteiras culturais e temporais.

Dessa forma, observa-se que a linguagem, neste contexto, constitui um instrumento fundamental para a exteriorização da fome, da dor e das desigualdades sociais, conferindo às experiências individuais uma dimensão universal. Ao transcender o âmbito pessoal, a linguagem atua como mediadora entre o sujeito e a coletividade, possibilitando a articulação de discursos críticos e a problematização das estruturas sociais vigentes. Assim, a análise da obra por meio da linguagem revela seu papel não apenas como meio de comunicação, mas como mecanismo de resistência, denúncia e transformação social.

Dessa maneira, o estudo da linguagem, em sua capacidade de traduzir e amplificar vivências particulares, é essencial para a compreensão das dinâmicas sociais contemporâneas e para a promoção de processos emancipatórios.

Amparado por teóricos como Sinhoretto, Cosson, Sartre e Freire, este estudo reafirma a literatura como prática de libertação e reflexão crítica, capaz de fomentar um olhar mais atento às desigualdades e às formas de exclusão. Reconhecer a relevância dessas narrativas no espaço escolar, sobretudo no Ensino Médio, é também reconhecer a escola como um lugar de construção de sentidos, onde a literatura pode exercer seu papel formador e emancipador.

Assim, ao propor a inserção dessas obras no contexto pedagógico, esta pesquisa não apenas evidencia a força da escrita em tempos de adversidade, mas também convoca a uma reflexão sobre a urgência de se promover uma educação literária que privilegie a diversidade de experiências humanas, contribuindo para a formação de leitores críticos, sensíveis às complexidades sociais e históricos que moldam a condição humana.

Além disso, a proposta de inserção pedagógica dessas obras no Ensino Médio, especialmente no contexto sul-mato-grossense, reforça a importância da literatura como ferramenta para o desenvolvimento de uma consciência social crítica, sensível às realidades históricas que ainda hoje reverberam. A relevância deste estudo, portanto, reside não apenas em iluminar as convergências entre as trajetórias de Carolina e Anne, mas também em sublinhar a urgência de uma educação literária que problematize as estruturas sociais excludentes e promova a valorização da diversidade de vozes e narrativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAIT, Beth. *Literatura e outras linguagens*. São Paulo: Contexto, 2017.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC, 2017.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2018.

_____. *Círculos de leitura e letramento literário*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. *Paradigmas do ensino da literatura*. São Paulo: Contexto, 2024.

_____. *Como criar círculos de leitura na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2024.

FRANK, Annelise Maria. *Diário de Anne Frank*. São Paulo: Editora Ge-ek, 2023.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

JESUS, Carolina Maria. *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

SARTRE, Jean Paul. *Que é a literatura?*. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

VINHAIS, Ione Maria Rich. *Literatura, leitura e produção textual: no Ensino Médio*. Porto Alegre: Mediação, 2009.